

#21

## PALHAÇARIA E SAÚDE MENTAL DENTRO E FORA DOS HOSPITAIS COM CRISTIANA BRASIL

### Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Cristiana Brasil

Meu nome é Cristiana Brasil, sou atriz, palhaça, fundadora e integrante do Roda Gigante, um grupo aqui do município do Rio de Janeiro, que está trabalhando há mais de dez anos. Temos intervenções artísticas em três hospitais públicos no município do Rio de Janeiro. Também desenvolvemos ações na Educação, com oficinas para profissionais de saúde interessados na linguagem da palhaçaria, e temos um repertório de três espetáculos de circulação nacional e mais um espetaculozinho que está no forno. Tenho a minha graduação em Musicoterapia. Como musicoterapeuta, atuei por muitos anos no município do Rio de Janeiro - primeiro, numa equipe de saúde voltada para a população de rua e, depois, fiquei cinco anos no CAPSAD, que é um Centro de Atenção Psíco-social para Usuário de Álcool e Drogas, um serviço de Saúde Mental do município do Rio de Janeiro.

O Roda Gigante é formado por seis atores, e acho que por nove meses ele foi formado por nove pessoas. E foi junto com Mariana, Mateus e Filipe, três pessoas muito importantes, e estamos marcando nosso último encontro. O destaque da mentoria do impulso para o projeto foi conseguirmos conceber um novo formato de atuação para o Roda Gigante que, agora, estamos chamando de um formato híbrido. Vamos continuar fazendo o presencial assim que for possível, vamos voltar para os hospitais, para as enfermarias. Esperamos que, o mais breve possível, a gente volte para o teatro, volte para as nossas oficinas. Claro, que quando isso for pertinente, mas, agora, a gente tem um projeto montado para funcionar de forma remota. Então, poder, nesse momento de tanta restrição, ampliar o projeto, pensar sobre o impacto social foi o grande destaque. Mas, na verdade, o grande destaque mesmo foi ter a parceria do programa apresentado por essas três pessoas, muito queridas para nós. Essa parceria é o nosso maior legado, ter conseguido dar forma para esse novo formato do projeto, que é, na verdade, esse formato híbrido presencial, mas virtual, que vai aumentar o alcance do público do Roda Gigante e, obviamente, aumentar o seu impacto social. O palhaço é uma linguagem artística, com muito campos de atuação. Então, você tem o palhaço de circo, que atua mais no circo, o palhaço no teatro, o palhaço na rua. Acho que a palhaçaria é você pesquisar e disponibilizar essa linguagem. Não é

simples, é uma linguagem que precisa de uma caminhada, de um longo tempo de estudos.

A minha aproximação com a palhaçaria tem mais de vinte anos e me entendo sempre como uma palhaça em formação. Há diferença entre palhaço dentro e fora do hospital. Primeiro que o hospital tem uma característica - a gente tem que cuidar de muita coisa dentro de um ambiente hospitalar, desde os objetos que você vai escolher para utilizar nas enfermarias, quando vai construir uma apresentação para uma plateia de um, quando a gente vai leito a leito. Às vezes, é um encontro com um muito próximo, e é importante cuidar até da questão estética. No hospital a gente usa uma maquiagem bem leve. Toda a indumentária, todo o figurino, é pensado com certo cuidado para a delicadeza que essa intervenção exige. E aí, acho que tem que reconhecer a fragilidade, pedir ajuda. Talvez o que a gente possa fazer nesse momento é pedir ajuda. Porque, às vezes, em um momento de dificuldade, a gente está tão fechada, tão conectada com nosso monstinho ali, que não é possível olhar para outra coisa. Às vezes, um novo olhar pode ajudar a gente a chegar nesse lugar de descontração e, quem sabe, chegar ao riso. Agora, reconhecer a nossa fragilidade, reconhecer que está difícil, é o primeiro ponto importante.

No Roda Gigante, a gente entende a alegria como um afeto que vai potencializar a sua capacidade de ação. O riso ou a gargalhada é uma consequência desse movimento. O primeiro movimento - reconhecer fragilidade, reconhecer que está difícil, reconhecer que a gente não está vendo saída, e pedir ajuda, talvez seja uma primeira resposta. Inclusive, dependendo da gravidade, não é à palhaçaria que deve se recorrer. Acho que nada pode ser sozinho. Justamente, em um quadro grave de saúde mental, vamos precisar de muitas ações. Não acho que a palhaçaria seja só para um quadro grave. Ela é para todos os lugares, para todos os momentos. Mas, muitas vezes, o hospital é super invasivo porque tem que ser. Tem hora para remédio, tem hora para injeção, tem hora para o banho. E é assim. Se você precisou estar dentro do hospital vai ter que entender que aquela rotina está sendo necessária para você. Para o palhaço, não precisa ser, não precisa acontecer. Então, o trabalho é aquela pessoa dizer: "Não, agora não quero o palhaço", e ela poder não ter o palhaço ali naquele momento. Talvez isso seja a potência da ação daquele momento. Em um ambiente onde você está tão invadido, submetido a uma rotina, você poder negar alguma coisa, talvez seja o mais potente que se possa fazer naquele momento.

Precisamos começar a entender, como a Organização Mundial de Saúde prevê desde 1946 [não tenho certeza desse ano], que saúde não é apenas ausência de doença, mas a busca de um completo bem estar. A ligação com a sua espiritualidade, com seu emocional, com a sua saúde física, com seu ambiente. Precisamos pensar a saúde de uma forma mais ampliada. E essa ação do palhaço que a gente propõe está nesse lugar de pensar essa equipe ampliada de saúde. O cuidar não se dá por uma via só. Ele deve ser pensado em rede, em muitas ações e

possibilidades, até para poder dizer não para uma delas. E quando você diz não, e o não é aceito, você está exercendo sua autonomia, você está protagonista das suas decisões, e isso é um jeito, também, de promover saúde. Estamos aí nesse momento de Setembro Amarelo, uma campanha super importante porque a gente precisa falar disso, precisa entender como uma questão de saúde pública. A gente precisa entender que uma pessoa que está com um quadro de ideação suicida ou se chegou a tentar alguma coisa, ela não está querendo tirar a vida, ela não está suportando mais a dor que está sentindo. E dor está aí para ser acolhida, não para ser negada. Uma questão importante para se falar é que é difícil estar perto de alguém que está doendo, é uma dor que, às vezes, não em descrição, não tem remédio para tomar, que não passa, é uma dor de uma ordem, mas é uma dor porque estamos falando de um problema de saúde. E o problema de saúde precisa de uma equipe de saúde para cuidar. Acho que a primeira coisa é: se você tem alguém perto aí, que está se identificando com esta situação, procure ajuda, vá na clínica da família, os serviços de saúde mental do SUS são incríveis. A rede particular não tem serviços tão bons quanto o SUS. Não estou falando de profissionais individualmente, mas é porque dentro do SUS você vai ter um atendimento multidisciplinar, uma equipe formada por várias categorias, que vai poder pensar, junto com a pessoa que está com esse sofrimento, qual é o melhor caminho a ser perseguido para cuidar desta questão.

Temos vários humores. Há uma coisa interessante para a gente preservar vida, através da palhaçaria, que é assim: o palhaço vai entrar em contato com uma fragilidade, ele vai tornar um momento de derrota, talvez, em um momento potente. O que eu estou querendo dizer com isso? É que nós, palhaços, a gente treina para bater a cabeça na parede, a gente treina para cair, a gente treina para levar torta na cara. E, nesse momento, que a gente dentro desta sociedade, que precisamos alcançar o sucesso, e que a gente olharia para aquela situação de alguém que bate a cara na parede ou leva a torna na cara, como um momento de derrota, a gente ganha o riso nesse momento. Então, eu acho que é esse processo que o palhaço se disponibiliza a experimentar, que é de encontrar a potência naquilo que é frágil, isso é o que é tão potente para essa discussão. Tudo bem revelar essa fragilidade, tudo bem estar difícil, tudo bem estar doendo, tudo bem estar fora do padrão, tudo bem não ser o caminho que está no comercial de televisão, na publicidade, tudo bem, é isso que é bonito, essa que é a grande singularidade de cada um, que é a alegria da vida, somos diferentes, temos caminhos diferentes, e precisamos um do outro. Dentro do Roda Gigante, a gente diz que não fazemos nada sozinho, não tem palhaço sem plateia, assim como não tem equipe de saúde sem paciente. Então, a gente precisa do outro, reconhecer que sozinho não dá. Posso dizer que, talvez, esse lugar da palhaçaria, essa necessidade do encontro, esse processo de aprender a construir junto, talvez seja o que a palhaçaria nos ensine a preservar vidas nesse sentido. Junto fica mais fácil, fica mais possível.